

Apagar Incêndios com Gasolina

Nuno Serras Pereira

09. 02. 2004

*“O único caminho que a IPPF e os seus aliados têm para ganhar a batalha a favor do aborto a pedido é através da educação sexual”*¹

Alan Guttmacher (sucessor de M. Sanger, fundadora da IPPF), 1973

1 - Consta pela comunicação social que o PSD, com o apoio do CDS/PP, teve mais uma ideia extraordinária: tornar obrigatória uma disciplina de educação sexual, disfarçada de formação para a saúde, cujo objectivo principal seria o de combater as causas do aborto, “a montante”! A ser verdade, reconheça-se que, porventura, não seria de esperar outra coisa desta instituição que de forma subtil e capciosa tem contribuído, como um dos agentes mais perniciosos, para a desmoralização da juventude, das famílias, para o incremento das doenças sexualmente transmissíveis e do aborto. Com uma mão vota contra o aborto, com a outra vota leis que para ele encaminham e o facilitam, tornando cada vez mais aceitável a sua descriminalização e liberalização total. Só quem desconheça a história destas últimas décadas, desde, pelo menos, Albino Aroso, poderá ficar surpreendido com esta afirmação. Como a maioria a ignora, espera-se a indignação habitual...

Este novo delírio é absurdo a vários títulos:

a) – A disciplina é imoralmente orientada por uma ideologia que nega a verdade da dignidade da pessoa humana. Assim, o Estado impõe às famílias um modelo de “educação” que contraria o bom senso e as convicções mais profundas, enraizadas no coração humano. Ao forçar, arrebatando tiranicamente aos pais o direito *inalienável* de formarem os seus filhos neste assunto. Acresce que o Estado em vez de promover a moralidade pública como lhe compete faz exactamente o contrário preando os mais novos e indefesos, pervertendo a sua deles inocência.

¹ Cit. in Brian Clowes, PhD, *HLI Reports*, p. 2, Human Life International, April 1998. A educação sexual nos USA levou, entre 1970 e 1985, ao seguinte aumento: abortos 333%, nascimentos ilegítimos 103%, maus-tratos a crianças 382%, divórcio 72%, doenças sexualmente transmissíveis 245%. In United States Department of Commerce, Bureau of the Census, Reference Data Book and Guide to Sources, *Statistical Abstract of the United States*, 1990. Mais eloquente é o crescimento entre 1960 e 1991: Abortions 800%, illegitimate birth rate 457%, child abuse 457%, divorce 133%, single parents families 214%, ‘living together’ 279%, venereal diseases 245%, teen suicide 214%, juvenile violent crime 295%. In B. Clowes, Ph. D., *THE FACTS of LIFE*, Human Life International, Front Royal, Virginia, 1997, p. 264.

b) – Como é que, por ex., é possível educar para a saúde fomentando a contracepção e disponibilizando-a largamente? A visão que subjaz a este modelo é profundamente hedonista, utilitarista e relativista – as consequências, como se tem verificado em outros países, só podem ser trágicas. Ademais, a entrega mútua dos esposos no dom recíproco, não é uma doença, e a gravidez não é uma enfermidade. Ensinar, por exemplo, as raparigas a tomarem a pílula é, entre outras coisas² ainda mais graves, instruí-las no modo de transformarem o seu corpo saudável e, por isso, fértil num corpo doentio. incapaz de conceber. Chamar a esta substância medicamento, quando usada como uma finalidade contraceptiva, é altamente manipulador. Como compreender que o Estado, por um lado, procure impedir o “envenenamento” hormonal de animais e, por outro, faça tudo para que ele se dê nas mulheres?

c) – Que a prática da contracepção não resolve, antes agrava, o problema do aborto, não é uma “invenção do Papa”³, mas um dado da experiência: “Afirma-se frequentemente que a contracepção, tornada segura e acessível a todos, é o remédio mais eficaz contra o aborto. E depois acusa-se a Igreja Católica de, na realidade, favorecer o aborto, porque continua obstinadamente a ensinar a ilicitude moral da contracepção. Bem vista, porém, a objecção é falaciosa. De facto, pode acontecer que muitos recorram aos contraceptivos com a intenção também de evitar depois a tentação do aborto. Mas os pseudo-valores inerentes à « mentalidade contraceptiva » — muito diversa do exercício responsável da paternidade e maternidade, actuada no respeito pela verdade plena do acto conjugal — são tais que tornam ainda mais forte essa tentação, na eventualidade de ser concebida uma vida não desejada. De facto, a cultura pro-aborto aparece sobretudo desenvolvida nos mesmos ambientes que recusam o ensinamento da Igreja sobre a contracepção. [...] Infelizmente, emerge cada vez mais a estreita conexão que existe, a nível de mentalidade, entre as práticas da contracepção e do aborto, como o demonstra, de modo alarmante, a produção de fármacos, dispositivos intra-uterinos e fármacos administrados por via oral ou injectáveis, os quais, distribuídos com a mesma facilidade dos contraceptivos, actuam na prática como abortivos nos primeiros dias de desenvolvimento da vida do novo ser humano.” João Paulo II, *Evangelium Vitae*, nº 13.

Os estudos, realizados desde 1935⁴ até hoje, confirmam-no abundantemente. Malcolm Potts “campeão” mundial dos abortistas, ex-director médico da IPPF, afirmou: “A prática do aborto e da contracepção estão intrinsecamente relacionadas entre si”.⁵ “À medida que as pessoas se virarem para a contracepção, dar-se-à uma subida, não uma descida, na percentagem de abortos ...”.⁶ “As provas da subida na percentagem de abortos, devido ao aumento do uso dos contraceptivos, estão agora disponíveis no

² Já Mahatma Gandhi alertava para a imoralidade da contracepção nos seguintes termos: “Artificial methods [of contraception] are like putting a premium on vice They make men and women reckless [...] Nature is relentless and will have full revenge for any such violation of her laws. Moral results can only be produced by moral restraints. All other restraints defeat the very purpose for which they are intended. If artificial methods become the order of the day, nothing but moral degradation can be the result. A society that has already become enervated through a variety of causes will still become further enervated by the adoption of artificial methods [...] As it is, man has sufficiently degraded women for his lust, and artificial methods, no matter how well-meaning the advocates may be, will still further degrade her.” D. G. Tendulkar (editor), *The Collected Works of Mahatma Gandhi*, Vols. 2 e 4. Published by the Ministry of Information and broadcasting, Government of India. Cit in F. A. S. Antonisamy, *Wisdom for All Times: Mahatma Gandhi and Pope Paul VI, On Birth Regulation*, Family Life Service Centre, Archbishop’s House, Pondicherry 605001 India, June 1978.

⁴ Entre outros vide: Regine Stix, *Mill Bank Memorial Fund Quarterly*, 1935; Raymond Pearl, *The Natural History of Population*, Oxford University Press, London and New York, 1939.

⁵ Malcolm Potts, Peter Diggory y John Peel, *Abortion*, Cambridge University Press, London, 1970. p. 230.

⁶ Report, *Cambridge Evening News*, 7 February 1973. Cit. in Valerie Riches, *opus cit*, p. 23.

respeitante à Coreia, Índia, Taiwan, Irão, Turquia, Egipto e a algumas partes da América Latina”.⁷ “Nenhuma sociedade controlou a sua fertilidade ... sem recorrer a um número significativo de abortos. De facto, o aborto é frequentemente o ponto de partida no controlo da fertilidade”.⁸

Uma médica e investigadora dos Brook Advisory Centres, Judith Bury — “An ace abortionist”⁹ — confirma-o: “Há provas esmagadoras de que, contrariamente ao que se podia esperar, a disponibilidade da contraceção leva a um aumento da percentagem de abortos” (1981)¹⁰.

Já em 1955, numa conferência patrocinada pela PPFA, o Dr. Alfred Kinsey declarou: “Correndo o risco de me tornar repetitivo, quero recordar ... que encontramos a mais alta frequência de abortos provocados no grupo que, em geral, mais frequentemente usa contraceptivos”.¹¹

Pierre Simon (médico obstreta, co-fundador e vice-presidente do Movimento francês para o planeamento familiar, colaborador de Simon Veil no Ministério da saúde, por duas vezes Grão-Mestre da Grande Loja - maçónica - de França) que esteve na dianteira do combate pela legalização da contraceção e do aborto, recordando a sua luta, escreveu: “Atacar a lei [que proibia a contraceção] na sua totalidade significava liberalizar o aborto. ... [A] opinião [pública], no entanto, não estava preparada para tal. Por isso, tivemos como nosso primeiro objectivo separar esta amálgama. Uma vez conseguido que a contraceção se tornasse normal e aceite pela lei, logo o aborto seria aceite. O futuro provou que tínhamos razão. A luta pela contraceção duraria mais e seria mais difícil do que a luta pelo aborto. Mudando o famoso provérbio: Nós tínhamos ganho a guerra [legalizando e promovendo a contraceção], só faltava travar a última batalha [legalizar o aborto]”.¹²

Os Bispos dos USA escreveram¹³: “ ... [A]lguns promovem um largo uso da contraceção como um meio para reduzir o aborto e criticam mesmo a Igreja por não aceitar esta abordagem. Ora, é patente que à medida que a aceitação e uso da contraceção foi crescendo na nossa sociedade, o mesmo aconteceu com a aceitação e o recurso ao aborto. Casais que sem querer concebem uma criança enquanto usam contraceptivos têm uma probabilidade muito maior de recorrer ao aborto do que aqueles que não os usam”.

⁷ M. Potts, MD, e Clive Wood, editors, *New Concepts in Contraception*, Baltimore, University Park Press, p. 12.

⁸ Malcolm Potts, *Fertility Rights*, The Guardian, 25 April 1979..

⁹ in Paul Marx, PhD, *Faithful for Life*, Human Life International, 1997, p. 49.

¹⁰ Judith Bury, *Sex Education for Bureaucrats*, The Scotsman, 29 June 1981. Christopher Tietze, também abortista, declarou: “The safest regimen of control for the unmarried and for married child-spacers is the use of traditional methods [of contraception] backed up by abortion; but if this regimen is commenced early in the child-bearing years, it is likely to involve several abortions in the course of her reproductive career for each woman who chooses it.” C. Tietze, J. Bongaarts, e B. Schearer, “Mortality Associated with the Control of Fertility”, *Family Planning Perspectives*, January-February 1976.

¹¹ Alfred Kinsey, numa *Conferência sobre aborto provocado*, patrocinada por Planned Parenthood. Cit. in Mary Calderone, MD, Directora Médica de Planned Parenthood of America (editor). *Abortion in the United States*, New York, Paul B. Hoeber, Inc., 1956, p. 157.

¹² Pierre Simon, *De la vie avant toutes choses*, Ed. Mazarine 1979.

¹³ Pastoral Plan for Pro-life Activities, November, 2001

d) Acresce que todos os estudos sérios (vide Infovitaes) mais recentes indicam que este tipo de “educação” sexual, nos países onde foi levado a cabo, só tem agravado os problemas que diz querer resolver: aumento exponencial de promiscuidade, de gravidezes adolescentes, de doenças sexualmente transmissíveis e do número de abortos.

2 – Não se pense que aqui se defende o modelo actual de educação sexual. Enferma de idênticos ou semelhantes vícios. É caso para dizer que entre os dois venha o Diabo e escolha. Importa, aliás, chamar a atenção de que, neste campo, a organização mais acarinhada e subsidiada pelo Estado com o dinheiro dos contribuintes é a APF. Esta associação é filiada na IPPF (International Planned Parenthood Federation), a maior promotora do aborto no mundo inteiro. Temos, pois, que a actual “educação” sexual que foi reivindicada e legislada com o dito propósito de combater o aborto foi entregue à organização que mais o promove e que não descansa enquanto o não vir totalmente liberalizado. Isto é, o Estado entrega a guarda das capoeiras às raposas. Como é possível que uma associação filiada numa organização “serial killer”, que constantemente incita ao crime e à sua “legalização” não seja perseguida, julgada, metida em ferros, mas antes seja patrocinada pelo Estado e por ele condecorada – o Presidente Sampaio galardoou-a, a 5 de Outubro de 1998, com a “Ordem de mérito público” – é um mistério de iniquidade que ultrapassa a capacidade humana de compreensão racional.

3 – Por tudo o que fica dito e pelo muito mais que havia a dizer, pode-se concluir que a “maioria” PSD-CDS/PP obcecada pelo politicamente correcto, pela mentalidade dominante, ignora a realidade e a exemplo dos partidos à sua esquerda combate incêndios com gasolina. Melhor fora, por exemplo, que fizesse cumprir a lei no que diz respeito à moralidade pública e à Comunicação Social, e contribuísse para a educação nas virtudes, entre as quais se encontra a da temperança e, por isso, a da castidade, virtude esta que possibilita o amor. Não se trata aqui de ideologias ou visões parciais que se procura impor aos outros, mas sim de verdades universais, enraizadas no ser do próprio homem, que por todos podem ser conhecidas, aceites, partilhadas.